

O Vestuário do Pessoal de Enfermagem (I): Do Negro ao Branco Imaculado

Nídia Salgueiro *



Estudar o vestuário em geral ou numa área específica, como a enfermagem, é um trabalho complexo, mas constitui um desafio aliciante. Muitos são os ângulos pelos quais se pode abordar, desde o trajecto da construção duma identidade profissional e consequentes referências de pertença a um grupo ou a uma instituição, aos reflexos das condições de trabalho, às correntes do pensamento e aos valores que lhes estão subjacentes, aos determinantes do desenvolvimento científico e técnico de determinadas épocas. No caso da enfermagem, salienta-se ainda as relações com o corpo, a feminização e a condição social da mulher.

Quando as instituições hospitalares ou escolares instituíram um vestuário (uniforme ou farda), pretenderam por certo transmitir uma imagem simbólica que as representasse e promover a consideração, o respeito e o reconhecimento dos valores perfilhados. Igualmente, estimular um espírito de pertença, além de uma certa hierarquização.

Daí, que a criação dos uniformes obedece a regras e o seu porte é geralmente regulamentado. O incumprimento dessas regras pode ser interpretado como sinal de um espírito rebelde ou da rejeição dos valores estabelecidos, sendo passível de sanções e até de exclusão.

Para além destas considerações, um estudo desta natureza permite descobrir, reunir, classificar e registar documentos, fotográficos e outros, que correm o risco de se perderem, e com eles um pouco da alma dum grupo profissional.

Pierrette LHEZ (1995), na sua tese de doutoramento "*De la robe de bure à la tunique et pantalon*", estuda o lugar do vestuário na prática de enfermagem, identificando vários períodos em que este reflecte os contextos de trabalho, os discursos vigentes e a procura duma identidade profissional.

Assim, no seu interessante estudo, descreve e ilustra com material fotográfico períodos em que se passa do que chama de escuro e sujo (até 1870) ao branco imaculado (1970) e, de seguida, a uma rotura, com o aparecimento do vestuário unisexo e

o uso de túnica e calças. Neste trajecto, em relação aos tecidos usados, passa-se da lã ao reinado do algodão e, deste, ao do polyester-algodão.

Dado que os relatos e os materiais fotográficos que encontramos se enquadram nos períodos descritos por aquela autora e as nossas relações com as primeiras escolas francesas, seguiremos a cronologia considerada, comparando os seus achados com o que conhecemos no nosso país.

O período em que fomos actora e testemunha, como estudante e como enfermeira, será privilegiado e, por questões de espaço, apresentado no próximo número desta revista.

* Enfermeira, Professora aposentada da Escola Superior de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca.

O Escuro e o Sujo (até 1870)

Na última metade do Séc. XIX, em França luta-se por uma Enfermagem laica. Relembramos que as escolas profissionais de Paris foram criadas no final da década de 70 pelo Dr. Bourville. Em Portugal, as Ordens Religiosas tinham já sido extintas nesta época (Maio de 1834, por Decreto do Ministro Joaquim Augusto de Aguiar, por isso alcunhado, sobretudo na nossa Cidade, de *Mata-Frades*, cuja estátua, na Portagem, recebe, de pena em punho, quem nela entra).

Nos hospitais franceses impera o escuro, desde os hábitos das irmãs de caridade ao pessoal laico que presta a maior parte dos serviços hospitalares. Destacam-se as Filhas de Caridade de S. Vicente de Paulo, com os seus hábitos de lã cinzenta e as suas grandes coifas brancas (Foto 1), também chamadas “irmãs cinzentas”; as irmãs Augustinas ou hospitaleiras do Hôtel Dieu, em que a coifa é substituída por um duplo véu (escuro o de cima e branco o de baixo), não diferindo na cor grandemente das irmãs anteriormente referidas e as Diaconisas, irmãs protestantes, fundadas a partir de Kaiserwerth, na Alemanha pelo Pastor Fliedner, cujos hábitos vão do preto ao escuro, conforme as casas protestantes onde trabalham. A lã é o material utilizado nestes hábitos (LHEZ, 1995). Lã que absorve as sujidades e cor que as encobre.



Foto 1 – Irmã Eugénia (Fundadora da Escola de Enfermagem de S. Vicente de Paulo – Lisboa)

À exceção das Diaconisas, que cuidavam da Alma e do Corpo, as outras congregacionistas não se ocupavam dos cuidados directos aos enfermos e das actividades domésticas. Estas actividades eram deixadas a um pessoal desqualificado, boçal, ignorante e mal pago. Num excerto tirado de Hamilton (1900) é referido que na Assistência Pública de Paris para 500 religiosos havia 3000 servidores laicos, embora a população estivesse convencida que os cuidados eram prestados pelas religiosas (LHEZ, 1995, p. 21).

A autora que vimos referindo não encontrou grande documentação sobre o vestuário destes servidores, ao contrário de relatos sobre as suas características pessoais, quem eram estes homens e mulheres, como se comportavam e prestavam os serviços. Os excertos com que ilustra as suas descrições são coincidentes com outros autores, nomeadamente DONAHUE (1985) e com o que observou o fundador da Escola Superior de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca, Dr. António Augusto Costa Simões, aquando das suas viagens científicas, como administrador dos Hospitais da Universidade de Coimbra. Os hospitais são descritos como locais tristes, frios e sujos, focos infecciosos de onde era difícil sair com vida; “como prisões (...) habitações pequenas, escuras, com janelas reduzidas, por onde não podia penetrar a luz do sol e salas lúgubres, nas quais se amontoavam 50 ou 100 doentes, privados de qualquer comodidade” (DONAHUE, 1988, p. 212).

Foi-nos fácil perceber as descrições arrepiantes encontradas na literatura, em que um doente recém chegado era deitado junto de outro com febre delirante ou agonizante, pouco depois cadáver, quando observámos no Museu do Hotel Dieu de Lyon as camas para quatro pessoas.

Apesar de LEHZ (1995), como já foi referido, não ter encontrado muita documentação sobre o vestuário dos servidores laicos hospitalares, ela dá relevo ao avental de cor clara que as mulheres colocavam sobre um vestido escuro e os homens sobre as suas próprias vestes de rua. O avental caracterizava o trabalho doméstico, o trabalho manual das classes desfavorecidas (jardineiro, criada, etc.) e tem como função proteger.

Estes homens tem o título de enfermeiro ou não, mesmo de servente.

O termo enfermeiro toma rapidamente uma conotação fortemente negativa. Conforme um excerto de Hamilton (1900), “está no último escalão dos seres privados de sentido moral” (LHEZ, 1995, p. 21). O termo surgido no fim do século XIV, tarda a ser utilizado no feminino, mas as descrições relativas às mulheres não são menos pejorativas.

Em Portugal, encontrámos vários documentos que se referem aos enfermeiros e enfermeiras (número, funções e vencimento) como, por exemplo, o Compromisso do Hospital das Caldas da Rainha, dado pela Rainha D. Leonor, em 1512; o Regulamento do Hospital S. José e anexos (1851); o Relatório do Hospital Colérico da Conceição, em Coimbra, que inclui o regulamento daquele hospital (1855), mas, se contém as suas obrigações, que vão desde os curativos e observação e vigilância, à higiene dos doentes e enfermarias, nada referem sobre o vestuário.

É neste período (1860) que Florence Nightingale cria a escola de Enfermeiras de Londres, a *Nightingale Training School for Nurses*, no St. Thomas's Hospital.

A Passagem do Negro ao Claro (1870-1900)

Este período, assim identificado por LHEZ (1995), é algo perturbado. Assiste-se à laicização dos hospitais. O Dr. Desiré Magloire Bourneville cria as Escolas Profissionais de Paris, no final da década de 70, inspirado na escola de Londres. É um acirrado defensor da enfermagem laica, de preferência feminina, as “*garde-malade*”, mas esta laicização por que pugnava não se fez sem oposição dos defensores da enfermagem religiosa. Aliás, na Inglaterra, também a Escola de Florence Nightingale não se fundou sem oposição. De 100 médicos de Londres inquiridos, só quatro foram favoráveis à criação da Escola, encabeçando a oposição John Flint South, que não lhe poupa críticas (DONAHUE, 1985, p. 248).

Nesta época, coexistem nos hospitais religiosas e enfermeiras laicas. O vestuário de trabalho institucionaliza-se, tornando-se indissociável do local para o qual ele foi criado. O uniforme, segundo aquela autora, precede a mudança de cor ligada à componente higiénica. As descobertas científicas na área da bacteriologia, a antissepsia de Lister (1867) e a descoberta da assepsia (1878) demoram a ser assumidas. Os discursos de alguns opositores da laicização são tão implacáveis a respeito desta como da higiene e da antissepsia.

A pouco e pouco o vestuário escuro passa a claro, um vestuário limpo começa a impor-se, tal como as condutas higiénicas. A limpeza torna-se agora um valor essencial, enquanto anos antes lavar-se significava erotismo culpável e nefasto para a saúde. as próprias religiosas são autorizadas pela congregação a mudar o hábito escuro de lã para um hábito claro de trabalho.

O vestuário obedece a uma corrente higiénica, a uma imagem dos valores morais e democráticos ou seja republicanos. O avental torna-se emblemático. É o avental republicano, de peito em bico sem alças, símbolo masculino, que é usado por todas as categorias sociais hospitalares, assemelhando-se ao avental da franco-maçonaria (o aprendiz devia usar o avental branco, sempre com a parte superior levantada).

A imagem da “*Nurse*”, de Florence Nightingale, bem como os valores por ela defendidos começam a impor-se, assim como uma certa ideia de hierarquia.

A higiene do vestuário, a higiene pessoal, como a lavagem das mãos e dos doentes torna-se quase uma obsessão.

E, em Portugal? Não podemos esquecer que ao ser nomeado Administrador dos Hospitais da Universidade de Coimbra, o Prof. Doutor António Augusto Costa Simões (1870), com a missão de reorganizar aqueles hospitais, tal era o estado deplorável em que se encontravam, realizou duas viagens científicas à Europa, tendo observado o que se passava nos hospitais franceses, assim como foi testemunha dos discursos inflamados dos pró-enfermagem laica e pró-religiosa. Os seus relatos, em “*A Minha Administração*” (1888) e noutros

obras, sobrepõem-se aos excertos ilustrativos de LHEZ (1995). Tomou contacto com o Dr. Bourneville e, na volta, trouxe consigo as três brochuras do “*Manuel pratique de la garde-malade et de l’infirmière*” (1878), publicado depois, em 1889.

Embora em Portugal não existisse enfermagem religiosa, Costa Simões adverte para o perigo de vir existir e, convicto da necessidade de dotar os enfermeiros/as de formação adequada, cria a Escola de Enfermeiros de Coimbra, (17 de Outubro de 1881), tendo por base os manuais atrás referidos, assim como o que se passava em Inglaterra, Suíça e USA (Discurso de abertura do Dr. Ignácio Rodrigues da Costa Duarte, que se incumbiu da parte técnica ou prática de enfermar doentes, in *Correspondência de Coimbra*, de 8 de Novembro de 1881).

No programa daquela Escola inclui a língua francesa, para que no futuro as enfermeiras pudessem usufruir do que se fosse publicando em França.

Não sabemos se houve algumas preocupações com o vestuário hospitalar, mas deste período encontramos uma fotografia de um grupo de

enfermeiros dos Hospitais da Universidade de Coimbra que, por gentileza da Dr.^a Manuela Queiroz Cardoso, neta do Sr. Queiroz, um dos enfermeiros do grupo, apresentamos. Em várias conversas que tivemos com o pai desta Senhora, não conseguimos apurar a data exacta em que fez a instrução para enfermeiro e da referida fotografia, mas tudo indica que é anterior ao virar do século.

No grupo está também um outro enfermeiro o Sr. Alves de que ainda temos uma ténue lembrança de o ver chegar à aldeia no seu cavalo para fazer os pensos de um nosso familiar (avô). Estes dois enfermeiros, depois de exercerem como enfermeiros nos Hospitais da Universidade de Coimbra, dedicaram-se ao sistema de enfermagem particular, por avença. O Sr. Alves no Concelho de Condeixa-a-Nova e o Sr. Queiroz na zona de Almalaguês, onde tinham a sua freguesia (termo sobreponível ao de clientela, hoje utilizado).

Como se pode observar trata-se dum vestuário escuro, possivelmente castanho, de tecido de lã, grosseiro (serrabeco ou burel), que nos indica que haveria já um uniforme, uma farda.



Foto 2 – (De notar, as barras nas mangas, cujo número faz a diferenciação hierárquica).

Uniformização do Vestuário (1900-1920)

LHEZ (1995, p. 55) considera que o início do século XX é marcado, em França, por três concepções de enfermeira: A enfermeira de modelo inglês, a *nurse*, inspirado em Florence Nightingale e desenvolvido pela Escola da Casa de Saúde Protestante de Bordéus; o modelo confessional, representado pela Escola de Léonie Chaptal, reputada figura católica e um outro tipo, laico e democrático, que se desenvolveu a partir das escolas da Assistência Pública de Paris, cujo recrutamento se faz entre as camadas mais populares da sociedade.

Durante este período, segundo a autora, opera-se uma verdadeira revolução no vestuário ligada a um discurso moralista da sociedade e a uma nova abordagem da sexualidade. O vestuário civil masculiniza-se, vulgarizando-se o uso de calças, e aumenta o acesso das mulheres ao mundo do trabalho.

Por outro lado, o discurso duma higiene rigorosa faz nascer um uniforme somente para o trabalho. Será interessante descrever, ainda que muito restritamente, alguns aspectos das três concepções acima mencionadas.

- Na Casa de Saúde Protestante, criada em 1884, toma forma a concepção de enfermeira da *nurse* inglesa e é adoptado o modelo do seu uniforme. Os termos *garde-malade* e *infirmière*, vão sendo substituídos pelo de *nurse*, pronunciado à francesa “*neurse*”. Anna Hamilton toma a direcção da Escola depois da sua tese sobre as enfermeiras nos hospitais, com que finaliza o seu Curso de Medicina.

Nascida em Florença, em 1864, de pai descendente de família aristocrata irlandesa e de mãe francesa é autorizada a ingressar no Curso de Medicina, onde sofre a experiência duma mulher a frequentar um curso reservado a homens. Estuda minuciosamente o trabalho das enfermeiras francesas e suíças e depois toma contacto com a Escola de Florence Nightingale (1989), com a qual se entusiasma. O seu discurso traduz perfeitamente o pensamento de Florence Nightingale. Advoga a

enfermagem feminina, tal como o Dr. Bourneville. Este aconselhava a eliminar progressivamente os homens desta profissão.

O “uniforme da cidade” é instituído. Obedecendo à moda, ele é também o símbolo da Escola e indutor de reconhecimento e de respeito. Como é custeado pelos alunos, o seu uso é facultativo no início, tornando-se rapidamente obrigatório, uma vez que é interdito sair com o vestuário destinado ao trabalho de enfermagem, por motivos de higiene.

O vestuário de trabalho é constituído, por vestido de algodão azul pálido, até aos tornozelos, grande avental branco com peito de decote redondo a emoldurar a gola branca do vestido e alças cruzadas atrás. As mangas montadas do vestido terminam com punhos brancos. Na cabeça um boné branco, a substituir o véu de tulle, nos alunos que já efectuaram um ano de estágio, meias pretas e sapatos com saltos de borracha.

A “*neurse*”, vinda de famílias respeitáveis, deve demonstrar uma moral irrepreensível, ter boa saúde e ser harmoniosa no seu corpo e na sua cabeça. O vestuário é importante, como é importante a sua postura, a forma como se movimenta e comporta.

Em 1918, esta Escola toma o nome de Escola de Florence Nightingale, autorizada pela respectiva família, depois de estudo sobre os valores nela ensinados.

Outras escolas são depois criadas, seguindo os ideais desta.

- Léonide Chaptal é, como dissemos, outra figura marcante para enfermagem francesa dessa época. Última neta de Jean-Antoine Captal, Ministro de Napoleão I, que se distinguiu pelas medidas de reorganização e modernização dos hospitais, numa época em que era necessário lutar contra a varíola.

Chaptal consagra a sua vida à assistência preventiva e aos pobres, lutando contra a tuberculose. Depois de obter um diploma da Cruz Vermelha, inscreveu-se, em candidatura livre, nos cursos profissionais da Pitié, instituídos pelo Dr. Bourneville, em 1903.

Abre depois a sua Casa-Escola de Enfermeiros, privada. É reconhecida pela sua importante obra social, com a abertura de sanatórios, dispensários,

consultas para a luta contra a tuberculose, fazendo cair em Paris a mortalidade devido a esta doença, e especialmente pelo grande contributo que deu ao desenvolvimento oficial da profissão de enfermagem. Foi vice-presidente do Conselho Superior de Assistência Pública, fundou o jornal *L'Infirmière Française* (1923) e a Associação das Enfermeiras de Estado Francesa, que se transformou na Associação Nacional das Enfermeiras e Enfermeiros Diplomadas de Estado que foi aceite no Conselho Internacional de Enfermeiras, do qual veio a ser presidente em 1929. No Ministério da Higiene e da Assistência, por sua intervenção, é criado o “Bureau Central des Infirmières”. É condecorada com a Légion de Honra (06/02/1936).

Como Anna Hamilton, Léonide Chaptal está impregnada pelo sistema educativo inglês e o seu pensamento inscreve-se na tradição de Florence Nightingale, mas segundo ideais católicos. Prefere as escolas privadas, em que o recrutamento se faz nas boas famílias. Advoga que o celibato é necessário.

Contrariamente a Anna Hamilton, que defende que as *nurses* se devem abster de trabalhos que não necessitem nem da sua inteligência nem das suas aptidões e que tomarem essas tarefas é sacrificar tempo que poderia ser utilizado mais utilmente junto dos doentes, o que é baixar a profissão... (LHEZ, 1995, p. 64), Chaptal advoga que a enfermeira deve executar certas tarefas domésticas, apela a uma formação diferenciada do médico. Submissão e respeito para com os superiores são valores incontornáveis. “Como na escola, a enfermeira deve estar de pé em presença do Chefe de Serviço, dos directores e as enfermeiras chefes, deve levantar-se para responder a todos que tiverem autoridade sobre ela” (Chaptal, 1925).

Há para esta enfermeira a exigência dum vestuário de trabalho e define as regras a respeitar, tais como, não trazer jóias e o uso de sapatos de tacões baixos e silenciosos. Junto do doente, as alunas usam uma bata branca, protegendo bem o pescoço, um avental de peito em bico, preso por um alfinete ou botão. Trata-se do avental republicano, ou seja, de inspiração maçónica, jamais utilizado nas escolas protestantes ou nas

escolas clássicas, que funcionam segundo o modelo de Florence Nightingale. Na cabeça o véu. A bata é comprida, cobrindo o tornozelo, mesmo depois de na cidade se utilizar a saia pelo joelho.

LHEZ (1995, p. 66-67) ilustra o vestuário da escola de Chaptal com duas fotografias, uma de 1910, com a bata e o avental até ao tornozelo e mangas compridas e outra de 1920, com as vestes curtas, a cobrir os joelhos e mangas curtas, sapato e meia branca.

- Leva tempo a que nos hospitais da Assistência Pública o vestuário se normalize.

Anna Hamilton e Léonide Chaptal criticam o vestuário hospitalar e a forma como as enfermeiras se apresentam. Por vezes, deixando ver a roupa interior, pouco apropriada, outras vezes, vestindo as batas por cima da roupa da rua. Na cabeça são utilizadas coifas, confeccionadas pelas próprias enfermeiras, denotando as suas origens regionais (Bretãs, Bordalesas e outros), bem como o recurso à maquilhagem. As enfermeiras chefes ainda utilizam o vestido de lã.

A aplicação da Lei de Junho de 1893, relativa à criação de escolas profissionais de Paris, demora quase 10 anos a ser regulamentada (Outubro de 1902) e a circular sobre o vestuário só sai em Maio de 1903.

Segundo estas normas, a enfermeira deve utilizar uma bata de tecido azul para as enfermeiras e enfermeiras chefes e avental branco. Recomenda-se que a bata se vista sobre uma roupa interior discreta e que os sapatos sejam silenciosos. Instala-se alguma polémica sobre o que utilizar na cabeça: se véu, touca ou boné. Tendo sido adoptado o boné, segundo um modelo tipo. Boné negro, ornamentado com uma estrela dourada, insígnia de comando para a enfermeira chefe e branco para a enfermeira. Pretendia-se que esta coifa contribuisse para a constituição duma imagem moral do pessoal laico, suscitando estima e respeito.

Como se instala uma hierarquização com graus profissionais, mais tarde são os bonés e as insígnias que diferenciam o grau e a função.

No final deste período, a corrente higiénica determina o vestuário hospitalar. O branco toma posição. Somente nalgumas escolas protestantes,

mais arreigadas aos princípios de Florence Nightingale se conserva o azul claro para a bata. O algodão é o material utilizado, pela sua frescura, pelo seu fácil tratamento. A bata e o avental, sempre unidos. Sobem as mangas passando a mangas curtas, porque as regras de higiene não só impunham a lavagem frequente das mãos (de cuidado para cuidado, de doente para outro doente), como também os antebraços deveriam ser lavados. A largura da bata não deveria impedir ou dificultar os movimentos e, por isso, o avental toma o papel de marcar a cintura. A higiene torna-se o discurso dominante.

Em Portugal

Em Portugal, neste período, são oficializadas as duas escolas ligadas a instituições públicas: a Escola do Hospital S. José, depois Escola de Enfermagem Artur Ravara (1918) e a Escola de Enfermagem dos Hospitais da Universidade de Coimbra (1919),

depois Escola de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca.

Estávamos na Primeira República. Segundo nos disse o enfermeiro José Pinto Teles, o prof. Doutor Ângelo da Fonseca que promoveu a oficialização desta Escola quando exercia o cargo de Director Geral da Instrução Pública era Almeidista (afecto ao Estadista António José de Almeida, que veio a ser o 6º Presidente da República). Os documentos fotográficos que encontramos dos enfermeiros diplomados pelas escolas oficiais são, portanto, posteriores ao período identificado por LHEZ (1995). É, no entanto, interessante notar as semelhanças das fardas destes enfermeiros e enfermeiras com os documentos fotográficos e descrições do que se passava nos hospitais da Assistência Pública de Paris.

Enfermeiros e enfermeiras usavam uma bata de sarja branca, direita e larga, aberta à frente e abotoada com botões. Os homens, além de bata, também umas calças de sarja branca. As mangas eram compridas, sem punho o que lhes permitia arregaçá-las durante a prestação dos cuidados.

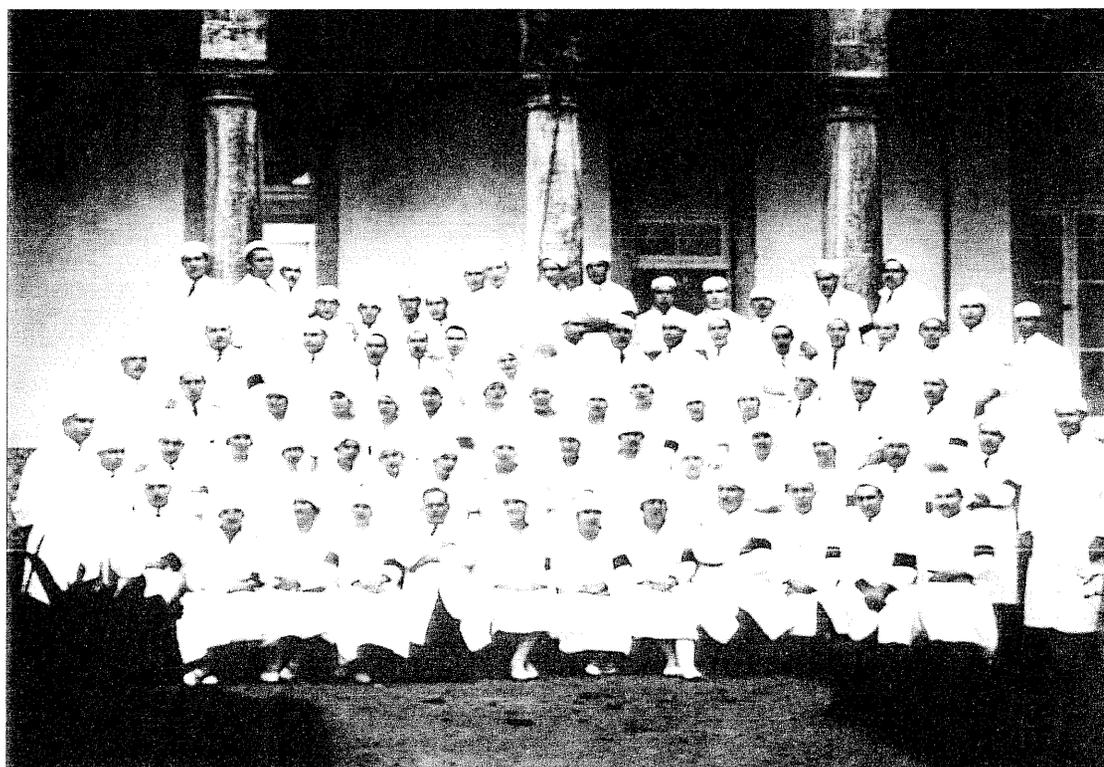
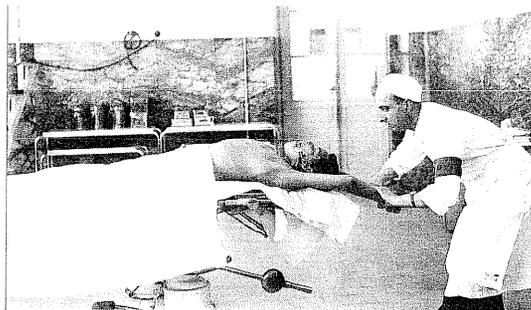


Foto 3 – Enfermeiros do Hospital da Universidade de Coimbra (1933).

Uns e outros usavam o avental de peito, de pano branco, que acompanhava ou até ultrapassava o comprimento da bata. Nas mulheres a parte superior do avental terminava em bico, que era preso com um alfinete, um broche ou no próprio



Fotos 4 – O Enf.º Teles (Demonstrações técnicas) (Dec. 30).

botão da bata. No homens era seguro por uma fita a passar no pescoço. Também homens e mulheres cobriam a cabeça. Os homens com um barrete redondo, tipo queijo, de pano de algodão branco e as mulheres um lenço de pano fino de algodão, a apanhar bem os cabelos. Tal como em França as três peças eram indissociáveis. O avental nas mulheres marcava a cintura além da sua função protectora (protecção higiénica, mas também da metade inferior do corpo). As meias eram de algodão, brancas, e os sapatos tomavam várias cores e formas.

Um outro aspecto era a identificação dos graus e funções por insígnias.

A hierarquização era marcada por braçadeira de lã azul marinho, com três estrelas douradas, para enfermeiros chefes. Subchefes, enfermeiros de primeira classe e de segunda classe usavam braçadeiras azuis com três, duas ou uma barras douradas, respectivamente. Os enfermeiros estagiários em período escolar ou pós-escolar eram distinguidos com braçadeira branca com barras vermelhas. Nalguns hospitais estas insígnias eram utilizadas no ombro como os galões dos militares.

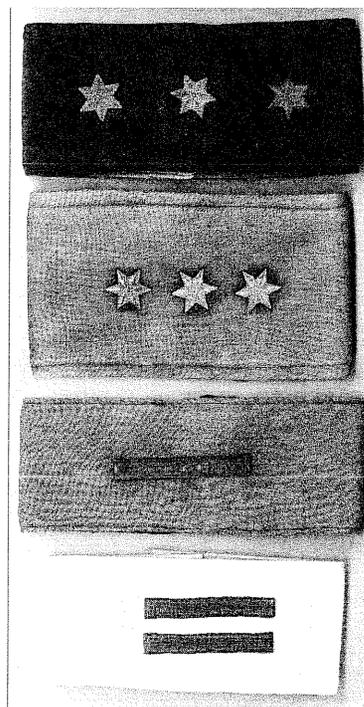


Foto 5 – Braçadeiras de distinção hierárquica.

As regras não são assumidas ao mesmo tempo por todos. Por isso, tal como em França, por baixo da bata ficava muitas vezes a roupa pessoal. Só a saia, que se via por baixo da bata ou também a blusa, que aparecia no decote. Os enfermeiros frequentemente usavam as calças da rua. Também com frequência, eram usados as meias e os sapatos da rua.

Por outro lado, muitos, sobretudo enfermeiros chefes, mais antigos, mantiveram-se fieis ao avental, mesmo depois de já fora de uso, e ao barrete, quando este já só era usado no bloco operatório. Igualmente, o lenço nas mulheres, quando já tinha sido substituído pelo "cup". Daí que tivéssemos ocasião de observar aquele tipo de fardamento, assim como a braçadeira com as três estrelas, que orgulhosamente traziam no braço.



Foto 6 – Diferenciação do vestuário e modos de apresentação.

Bibliografia

ADMINISTRAÇÃO DO HOSPITAL DOS COLÉRICOS DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO (PINTO, José Ferreira Macedo – Regulamento do Hospital dos Coléricos. In *Relatório da Direcção do Hospital dos Coléricos da Nossa Senhora da Conceição*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1855).

COMPROMISSO DO HOSPITAL DAS CALDAS DA RAINHA DADO PELA RAINHA D. LEONOR, Sua Fundadora em 1512 (Prefácio e revisão de CORREIA, Fernando. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1930, 46p.).

DONAHUE, M. Patricia – *História de la enfermeria*. Barcelona: Ediciones Doyma, 1985.

LHEZ, Pierrette – *De la robe de bure à la tunique et pantalon: étude sur la place du vêtement dans la pratique infirmière*. Paris: InterEditions, 1995, 182p.

REPENICADO DIAS, Maria da Cruz – A educação e o ensino na Escola de Enfermagem dos Hospitais da Universidade de Coimbra. In 1942-1952: *Dez anos de história dos Hospitais da Universidade de Coimbra* (sob a Direcção do Prof. Doutor João Porto). Coimbra: Edição da Casa do Pessoal dos Hospitais da Universidade de Coimbra, 1953, p. 157-160.